

# ANÁLISE CRÍTICA DO POEMA *MANUCURE* DE MARIO DE SÁ-CARNEIRO

---

Prof. Jurandir Ferreira Dias Júnior<sup>1</sup>

**RESUMO:** Mário de Sá-Carneiro foi extremamente melancólico na maior parte da suas produções literárias. No extenso poema *Manucure*, que ora analisamos, Sá-Carneiro apresenta especificidades modernistas, apesar de ser um grande expoente do Simbolismo. Este trabalho elenca os resultados de nossa análise formal e contedística do poema em toda sua extensão.

## ANÁLISE

Mario de Sá-Carneiro, na maior parte de sua obra, apresenta-se como um *melancólico, saudosista, narcisista, megalomaniaco, passivo*. Em seus poemas, demonstra-se fortemente simbolista, mas foi em *Manucure* que pôde expor todo seu engenho Futurista e assim o fez com toda a propriedade. Por isso, surgiu-nos o desejo de analisar este poema, ainda que muito extenso, mas que nos deixasse conhecedores de uma obra tão rica e bela.

*Manucure* é datado de maio de 1915, foi publicado no primeiro número da revista *Orfeu*, em meio a um turbulento momento histórico: guerra, desenvolvimento industrial, novos paradigmas na arte. No Futurismo, estilo em que *Manucure* está inserido, dissolve-se a unidade da linguagem, desmantela-se a sintaxe, desvaloriza-se o valor expressivo da palavra.

Este poema foi escrito como um tributo a “*Ode Triunfal*” de Álvaro de Campos. Eis um pequeno fragmento dessa obra, que, por sua vez, assemelha-se bastante com alguns momentos do poema em análise:

“Eia! e os rails e as casas de máquinas e a Europa!

Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar,  
eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

---

<sup>1</sup> Especialista e Mestrando em Linguística. Professor do Departamento de Letras. (jurajr@gmail.com)

Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!

Hé-la! He-hô! H-o-o-o-o!

Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!”

(Excerto de Ode Triunfal – Álvaro de Campos)

Para Pessoa, o poema *Manucure* foi escrito na intenção de *Blague*, e Sá-Carneiro foi muito “palhaço” e ousado, afirma. Tudo parece se comprovado com a leitura de *Manucure*, que retrata com exuberância o progresso industrial, de forma especial, a tipografia.

Podemos perceber o caos e a loucura que se instalam no poema; há versos desestruturados, às vezes, até sem entendimento imediato, todavia o entendimento não é o bastante, mas sim levar o leitor ao choque.

O estrato gráfico apresenta-se como uma obra de arte plástica. É tempo de novos moldes na pintura: Cubismo, Dadaísmo, Surrealismo. A arte descaracteriza-se para caracterizar-se.

Letras voam, fazendo silhueta:

*É no ar que ondeia tudo! É lá que tudo existe!...*

(estrofe XIX)

Números se sobrepõem, sem um possível entendimento à primeira vista:

(estrofe XXV)

grafias de alfabetos diversos dançam;

T S A b c ; ð (q̄) Y ! Z ° ~ A w Δ Ū Ω  
 o . x q̄ ē < • ... & ; \* ε θ . > ū - - ē \$  
 P ~ W s β ~ Λ " " O N ? δ x φ F i & Π

(estrofe XXXVIII)

anúncios de propaganda

Por último desdobra-se a folha dos anúncios...  
 — Ó emotividade zebrante do Reclamo,  
 Ó estética futurista — *up-to-date* das marcas comerciais,  
 Das firmas e das tabuletas!...

LE BOUILLON KUB

VIN DÉSILES

BELLE JARDINIÈRE

FONSECAS,  
SANTOS & VIANNA

HUNTLEY & PALMER

“RODDY”

*Joseph Paquin, Bertholle & C.<sup>te</sup>*

LES PARFUMS DE COTY

SOCIÉTÉ GÉNÉRALE

CRÉDIT LYONNAIS

BOOTH LINE    NORDDEUTSCHER LLOYD

COMPAGNIE INTERNATIONALE DES WAGONS LITS

ET DES GRANDS EXPRESS EUROPÉENS

E a esbelta singeleza das firmas, LIMITADA.

(estrofe XLV)

Nomes de jornais famosos da Europa dão vida à obra;

**MARINONI LINOTYPE**  
**O SEculo BERLINER TAGEBLATT**  
**LE JOURNAL LA PRENSA**  
**CORRIERE DELLA SERA THE TIMES**  
**NOVOIË VREMIÁ**

---

(estrofe XLII)

A maioria desses anúncios e nomes de jornais é francesa, pelo fato de, na França, o poeta ter habitado.

O aspecto gráfico ainda pode nos dar suporte para a afirmação de que a estética Futurista faz-se presente neste poema. A última seção do poema é marcada pela cena de correria e gritos emitidos pelo narrador no poema:

Corro então para a rua aos pinotes e aos gritos:

*-Hilá! Hilá! Hilá-hô! Eh! Eh!...*

*Tum... tum... tum... tum tum tum tum...*

*VLIIMIIIM...*

*BRÁ-ÔH... BRÁ-ÔH... BRÁ-ÔH!...*

*FUTSCH! FUTSCH!...*

*ZING-TANG... ZING-TANG...*

*TANG... TANG... TANG...*

# PRÁ Á K K!...

*(último verso da estrofe XLVIII até a LI)*

Quanto à forma, seria interessante lembrar que, na maior parte de sua obra, Sá-Carneiro é caracterizado pelas estrofes de quatro versos (quadras ou quartetos), no entanto, pôde-se perceber que o poeta faz uso do quarteto quando expressa a predominância do passado sobre o presente e não atribui esperança ao futuro:

É lá, no grande Espelho de fantasmas  
Que ondula e se entregolfa todo o meu passado,  
Se desmorona o meu presente,  
E o meu futuro é já poeira...

*(estrofe IV)*

Ao analisarmos a estrofação, encontramos estrofes de número de versos diferentes, seguidas, a partir de então, de versos ímpares e, inclusive, um que lembra um bilhete/etiqueta de embalagem de uma mercadoria transportada por um trem, em suma todos os versos são irregulares:

## FRAGIL! FRAGIL!

843 – AG LISBON

492 – WR MADRID

*(estrofe XII)*

Depois desse exemplo de “brincadeira com a forma”, vemos que a liberdade quanto à versificação continua até o término do texto. Apesar de tanta liberdade futurista, o uso exacerbado da pontuação remete a uma influência simbolista que sofre o autor:

“Leve inflexão a sinusar...  
Fino arpejo cristalizado...  
Inatingível deslocamento...

Veloz fálha atmosférica...”

*(final da estrofe II)*

No aspecto fônico, há muitos exemplos de onomatopeias, cadência e ritmo. O poeta usa versos livres e brancos (ele que nunca abandonara versos rimados e quase sempre medidos). As anáforas são insistentes:

Que calotes suspensas entre ogivas de ruínas,  
Que triângulos sólidos pelas naves partidos!  
Que hélices atrás dum voo vertical!  
Que esferas graciosas sucedendo a uma bola de ténis! Que  
loiras oscilações se ri a boca da jogadora...  
Que grinaldas vermelhas, que leques, se a dançarina russa,  
Meia nua, agita as mãos pintadas da Salomé  
Num grande palco a Oiro!  
– Que rendas outros bailados!

*(estrofe VII)*

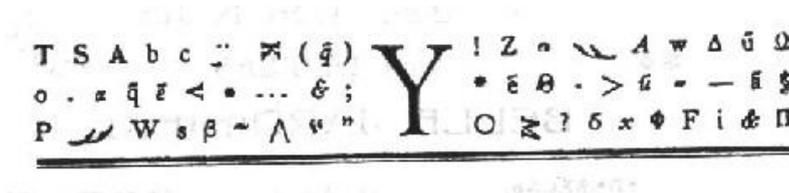
Outro exemplo de anáfora que quase toma todo o verso:

Chegam tenuamente a perfilar-me  
Toda a ternura que eu pudera ter vivido,  
Toda a grandeza que eu pudera ter sentido,  
Todos os cenários que entretanto Fui...

*(versos 8-11 da estrofe II)*

A estrutura fônica do poema, em certos momentos, nos coloca diante de um problema de como leríamos uma estrofe, marcada pela plasticidade, como vemos nos exemplos abaixo:

Exemplo 1:



(estrofe XXXVIII)

Exemplo 2:

MARINETTI + PICASSO = PARIS <SANTA RITA PIN-  
TOR + FERNANDO PESSOA  
ÁLVARO DE CAMPOS  
!!!!

(estrofe XLV)

Mário de Sá-Carneiro escreve com exuberante aderência à euforia do progresso industrial, no caso do poeta, a Tipografia. O tema do poema é a exposição das coisas presentes, como também a tentativa de o poeta se identificar com elas, algo que nunca consegue pelo fato de ser um homem inadaptável ao meio.

Para um melhor entendimento do poema, que por si só se nos apresenta interseccionado, apresentamos uma tentativa particular de divisão quanto aos diferentes momentos e cenas que se sobrepõem no decorrer do texto. Sendo assim, dividimos todo o poema em cinco partes.

**1ª parte:** Comporta as cinco primeiras estrofes, separada por um verso em pontos; onde o poeta se vê num *Café*, numa atitude de autoternura narcísica, voltando-se para si mesmo no ato de polir, embelezar as unhas; reflexão sobre o “estar alheio” ao mundo; e ainda a sobreposição dos tempos – passado, presente e futuro:

É lá, no grande Espelho de fantasmas  
Que ondula e se entregolfa todo o meu passado,

Se desmorona o meu presente,  
E o meu futuro é já poeira...

*(estrofe XLV)*

A figura do espelho significa a reflexão da própria vida. Não só nessas primeiras estrofes, mas também em todo o texto, encontramos o uso alegorizante das maiúsculas e de elementos sinestésicos como o ar, as cores. Outro dado percebido é a egolatria, quando, ao falar de si, usa maiúsculas (Fui... , Eu, Mim, Me, Meu, Minhas).

Percebemos um tom de autocomiseração de forma bastante hiperbólica quando o poeta diz nos versos quatro e cinco da estrofe II:

Até chorar por Mim...  
Mil cores no Ar, mil vibrações latejantes,

*(estrofe II)*

**2ª parte:** Contempla as estrofes de VI a XX. O poeta por um momento para de lapidar suas unhas e retrata a fugacidade de uma locomotiva, descreve sua estrutura, sons (sinestesia) e seu ofício no mundo moderno: o transporte de passageiros e mercadorias. O verso XII, anteriormente citado, é um bilhete/etiqueta de embalagem de uma mercadoria transportada por um trem. O poeta descreve o interior de um desses transportes e vê-se num, de uma maneira um tanto ególatra:

“-Quanto à minha chávena banal de porcelana?”

*(estrofe XVII)*

Não podemos negar que o poema trata-se de um manifesto do Modernismo, uma vez que sofre muitas influências das Vanguardas:

Meus olhos ungidos de Novo,  
Sim! – meus olhos futuristas, meus olhos cubistas, meus  
olhos interseccionistas,

*(estrofe XV)*

Esta seção é conclusa com uma tentativa ideogramática, citando a palavra *Ar*, mesmo em minúscula, achamos que o melhor entendimento para a referida palavra seria a liberdade, a fugacidade, a velocidade, o dinamismo no mundo em que vive o poeta. Vejamos:

*É no ar que ondeia tudo! É lá que tudo existe!..*

(estrofe XIX)

**3ª parte:** Esta seção é, frequentemente, separada por muitos críticos de Literatura como sendo um outro poema, pelo fato de iniciar com um “título” *APOTEOSE*. É composta por treze estrofes (XXI a XXXIV), narra mais um flash da modernidade: o uso do telefone, criado em julho de 1875. Sugere os sons emitidos por um aparelho: as ondas acústicas. Depois brinca com os algarismos que bailam no ar.

No início dessa disposição numérica, percebemos uma sequência na vertical, que sugere um quase equilíbrio, visto que falta o algarismo 2 (dois); observe que o algarismo 8 (oito) finda toda a sequência numérica, transformando-se num símbolo de infinito:

1.3.4.5.6  
7 7 7  
8 8  
2 0 1 3  
4 1 4  
5 9 6  
1 1 1 1  
5 5  
0 0  
∞ ∞ ∞ ∞

Ainda nesta seção, o poeta narra o cair de uma bandeja e os sons, por ela, ecoados no Ar. Finaliza com a sobreposição de estrofes que não apresentam interligação entre si, mas isso não é algo absurdo, pois Sá-Carneiro, neste poema, segundo Pessoa, brincando com as palavras e até fazendo gozação.

**4ª parte:** Essa é um das facções mais trabalhadas plasticamente. É uma cena em que um estrangeiro (acreditamos que francês) senta-se frente ao poeta com um jornal famoso parisiense o *Martin*, ao fitar o jornal, deslumbra-se. O poeta mostra a beleza da indústria tipográfica, descreve o conteúdo do jornal, seus escritos...

“Eh-lá! Grosso normando das manchettes em sensação!

Itálico afilado das crônicas diárias!

Corpo 12 romano, instalado, burguês e confortável!

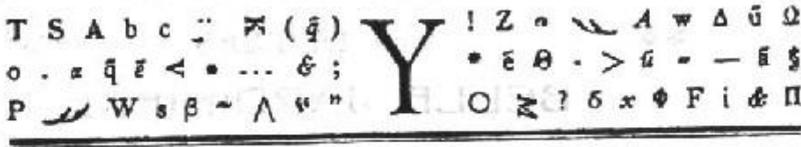
Góticos, cursivos, rondas, inglesas, capitais!

Tipo miudinho dos pequenos anúncios!

Meu elzevir de curvas pederastas!...  
 E os ornamentos tipográficos, as vinhetas,  
 As grossas tarjas negras,  
 Os puzzles frívolos - e as aspas... os acentos...  
 Eh-lá! Eh-lá! Eh-lá!”

(*estrofes XXXVI e XXXVII*)

Mais uma vez brinca. Eis uma estrofe, dentro desta secção, apenas para ser visualizada:



(*estrofe XXXVII*)

Onomatopéias logo abaixo da estrofe anterior:

(Hip! Hip-lá! Nova simpatia onomatopaica,  
 Recendente da beleza alfabética pura:  
 Uu-um... kess-kress... vliim... tlin... blong... flong...  
 flak...  
 Pâ-am-pam! Pam... pam... pum... pum... Hurrah!)

(*estrofe XL*)

O poeta, ao citar nomes de jornais, sugere a fugacidade e a velocidade do cotidiano. Tal fenômeno é próprio do Futurismo, pois visa o dinamismo, a confusão, a agitação, o conflito por que passa o mundo naquela época:

MARINONI LINOTYPE  
O SECULO BERLINER TAGEBLATT  
LE JOURNAL LA PRENSA  
CORRIERE DELLA SERA THE TIMES  
NOVOÏE VREMIÁ

(estrofe XLIII)

Não é por acaso que o poeta cita nomes de turbulentas firmas francesas...

LE BOUILLON KUB  
VIN DESILES  
BELLE JARDINIÈRE  
FONSECAS, SANTOS & VIANNA  
MONTLEY & PALMERS  
"RODDY"  
PASTILLES VALDA  
*Joseph Paquin, Bertholle & C.<sup>te</sup>*  
LES PARFUMS DE COTY  
SOCIÉTÉ GÉNÉRALE  
CRÉDIT LYONNAIS

Esta seção finda com uma estrofe (quicá, em francês) que sugere um tom coloquial, com o uso do travessão; depois, três versos em pontos consecutivos:

-Un vermouth-cassis... Un Pernod à l'eau...  
Un amer-citron... une grenadine...

.....  
.....  
.....

*(estrofe XLVII)*

**5ª parte:** esta é a última parte, é o desfecho. Compreende as estrofes de XLVII a LI. O poeta levanta-se, contudo refletindo-se no espelho de sua vida, ou seja, vendo-se totalmente ligado ao passado. Percebe-se que é um derrotado e que nunca poderá cantar, como queria, a Beleza Pura. Decidiu correr, e, aos pinotes, gritar como vemos nos versos abaixo. As palavras onomatopaicas utilizadas, na nossa visão, querem imitar o som de um trem, de um telefone, mas a sequência exata seria: a voz, o coração (Mário é só sentimento), o telefone, a saída de um trem, e, por fim, a queda de uma bandeja.

-Hilá! Hilá! Hilá-hô! Eh! Eh!...

Tum... tum... tum... tum tum tum tum...

VLIHIMIIIM...

**BRÁ-ÔH... BRÁ-ÔH... BRÁ-ÔH!...**

**FUTSCH! FUTSCH!...**

**ZING-TANG... ZING-TANG...**

**TANG... TANG... TANG...**

**PRA Á K K!...**

*(estrofe LI)*

## CONCLUSÃO

Percebe-se que o poeta anuncia, em seus gritos, o progresso, o desenvolvimento, mas, ao mesmo tempo, parece que Sá-Carneiro foge deste progresso que exalta.

Evidenciamos que o fato da tentativa de intersecção do poema é uma proposta nossa. Contudo, afirmamos ser uma boa maneira para o melhor entendimento da obra.

Como já foi mencionado, este poema analisado já foi conceituado por Pessoa como *Blangue* (gozação) da parte de Sá-Carneiro, adentrando no Futurismo português. Desta forma, o Futurismo opõe-se ao Decadentismo e ao Tradicionalismo, constituindo o advento da “palavra em liberdade”.

Enfim, não poderíamos deixar de lado uma obra de tão grande valor quando se fala do Futurismo em Portugal e em Mário de Sá-Carneiro, embora saibamos que, na maior parte sua obra, esse poeta tenha sido tributário da tradição francesa reconhecidamente simbolista e não apenas é aquele que só sentiu *‘Tristeza das coisas que nunca foram’*.

## REFERÊNCIAS:

GANCHO, Cândida Beatriz Vilares. **Introdução à poesia**: teoria e prática. São Paulo: Atual, 1989.

MOISÉS, Massaud. **Literatura Portuguesa**. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa através dos textos**. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

BERARDINELLI, Cleonice. **Mário de Sá-Carneiro**: poesia. 2. ed. Rio de Janeiro: Ática. 1965.

SÁ-CARNEIRO, Mário. **Obra completa**. Introd. e org.: Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1995.

# MANUCURE

Mário de Sá-Carneiro

## I

Na sensação de estar polindo as minhas unhas,  
Súbita sensação inexplicável de ternura,  
Tudo me incluo em Mim – piedosamente.  
Entanto eis-me sozinho no Café:  
De manhã, como sempre, em bocejos amarelos.  
De volta, as mesas apenas – ingratas  
E duras, esquinadas na sua desgraciosidade  
Bocal, quadrangular e livre-pensadora...  
Fora: dia de Maio em luz  
E sol – dia brutal, provinciano e democrático  
Que os meus olhos delicados, refinados, esguios e citadinos  
Nem podem tolerar – e apenas forçados  
Suportam em náuseas. Toda a minha sensibilidade  
Se ofende com este dia que há-de ter cantores  
Entre os amigos com quem ando às vezes –  
Trigueiros, naturais, de bigodes fartos –  
Que escrevem, mas têm partido político  
E assistem a congressos republicanos,  
Vão às mulheres, gostam de vinho tinto,  
De peros ou de sardinhas fritas...

## II

E eu sempre na sensação de polir as minhas unhas  
E de as pintar com um verniz parisiense,  
Vou-me mais e mais enternecendo  
Até chorar por Mim...  
Mil cores no Ar, mil vibrações latejantes,  
Brumosos planos desviados

Abatendo flechas, listas volúveis, discos flexíveis,  
Chegam tenuamente a perfilar-me  
Toda a ternura que eu pudera ter vivido,  
Toda a grandeza que eu pudera ter sentido,  
Todos os cenários que entretanto Fui...  
Eis como, pouco a pouco, se me foca  
A obsessão débil dum sorriso  
Que espelhos vagos reflectiram...

### **III**

Leve inflexão a sinusar...  
Fino arrepio cristalizado...  
Inatingível deslocamento...  
Veloz faúlha atmosférica...

### **IV**

E tudo, tudo assim me é conduzido no espaço  
Por inúmeras intersecções de planos  
Múltiplos, livres, resvalantes.

### **V**

É lá, no grande Espelho de fantasmas  
Que ondula e se entregolfa todo o meu passado,  
Se desmorona o meu presente,  
E o meu futuro é já poeira...

### **VI**

Deponho então as minhas limas,  
As minhas tesouras, os meus godets de verniz,  
Os polidores da minha sensação –  
E solto meus olhos a enlouquecerem de Ar!

Oh! poder exaurir tudo quanto nele se incrusta,  
Varar a sua Beleza – sem suporte, enfim! –  
Cantar o que ele revolve, e amolda, impregna,  
Alastra e expande em vibrações:  
Subtilizado, sucessivo – perpétuo ao Infinito!...

### **VII**

Que calotes suspensas entre ogivas de ruínas,  
Que triângulos sólidos pelas naves partidos!  
Que hélices atrás dum voo vertical!  
Que esferas graciosas sucedendo a uma bola de ténis! –  
Que loiras oscilações se ri a boca da jogadora...  
Que grinaldas vermelhas, que leques, se a dançarina russa,  
Meia nua, agita as mãos pintadas da Salomé  
Num grande palco a Oiro!  
– Que rendas outros bailados!

### **VIII**

Ah! mas que inflexões de precipício, estridentes, cegantes,  
Que vértices brutais a divergir, a ranger,  
Se facas de apache se entrecruzam  
Altas madrugadas frias...

### **IX**

E pelas estações e cais de embarque,  
Os grandes caixotes acumulados,  
As malas, os fardos – pêle-mêle...  
Tudo inserto em Ar,  
Afeiçoado por ele, separado por ele  
Em múltiplos interstícios  
Por onde eu sinto a minh'Alma a divagar!...

## **X**

– Ó beleza futurista das mercadorias!

## **XI**

– Sarapilheira dos fardos,  
Como eu quisera togar-me de Ti!  
– Madeira dos caixotes,  
Como eu ansiara cravar os dentes em Ti!  
E os pregos, as cordas, os aros... –  
Mas, acima de tudo,  
Como bailam faiscentes,  
A meus olhos audazes de beleza,  
As inscrições de todos esses fardos –  
Negras, vermelhas, azuis ou verdes –  
Gritos de actual e Comércio & Indústria  
Em trânsito cosmopolita:

## **XII**

**FRÁGIL! FRÁGIL!**

**843 – AG LISBON**

**492 – WR MADRID**

## **XIII**

Ávido, em sucessão da nova Beleza atmosférica,  
O meu olhar coleia sempre em frenesis de absorvê-la  
À minha volta. E a que mágicas, e m verdade, tudo baldeado  
Pelo grande fluido insidioso,  
Se volve, de grotesco – célere,  
Imponderável, esbelto, leviano...  
– Olha as mesas... Eia! Eia!  
Lá vão todas no Ar às cabriolas,

Em séries instantâneas de quadrados  
Ali – mas já, mais longe, em losangos desviados...  
E entregolfam-se as filas indestrinçavelmente,  
E misturam-se às mesas as insinuações berrantes

#### **XIV**

Das bancadas de veludo vermelho  
Que, ladeando-o, correm todo o Café...  
E, mais alto, em planos oblíquos,  
Simbolismos aéreos de heráldicas tênues  
Deslumbra m os xadrezes dos fundos de palhinha  
Das cadeiras que, estremunhadas em seu sono horizontal,  
Vá lá, se erguem também na sarabanda...

#### **XV**

Meus olhos ungidos de Novo,  
Sim! – meus olhos futuristas, meus olhos cubistas, meus olhos  
interseccionistas,

#### **XVI**

Não param de fremir, de sorver e faiscar  
Toda a beleza espectral, transferida, sucedânea,  
Toda essa Beleza-sem-Suporte,  
Desconjuntada, emersa, variável sempre  
E livre – em mutações contínuas,  
Em insondáveis divergências...

#### **XVII**

– Quanto à minha chávena banal de porcelana?

### **XVIII**

Ah, essa esgota-se em curvas gregas de ânfora,  
Ascende num vértice de espiras  
Que o seu rebordo frisado a oiro emite...

### **XIX**

*É no ar que ondeia tudo! É lá que tudo existe!...*

### **XX**

...Dos longos vidros polidos que deitam sobre a rua,  
Agora, chegam teorias de vértices hialinos  
A latejar cristalizações nevoadas e difusas.  
Como um raio de sol atravessa a vitrine maior,  
Bailam no espaço a tingi-lo em fantasias,  
Laços, grifos, setas, ases – na poeira multicolor –.

### **XXI**

APOTEOSE

.....

### **XXII**

Junto de mim ressoa um timbre:  
Laivos sonoros!  
Era o que faltava na paisagem...

### **XXIII**

As ondas acústicas ainda mais a utilizam:  
Lá vão! Lá vão! Lá correm ágeis,  
Lá se esgueiram gentis, franzinas corças de Alma...

### **XXIV**

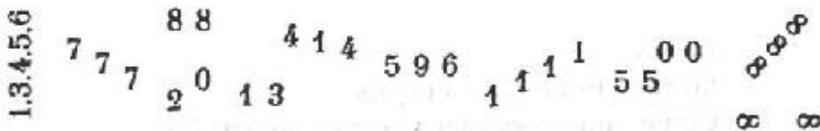
Pede uma voz um número ao telefone:

Norte - 2, 0, 5, 7...

E no Ar eis que se cravam moldes de algarismos:

### **XXV**

ASSUNÇÃO DA BELEZA NUMÉRICA



### **XXVI**

Mais longe um criado deixa cair uma bandeja...

Não tem fim a maravilha!

Um novo turbilhão de ondas prateadas

Se alarga em ecos circulares, rútilos, farfalhantes

Como água fria a salpicar e a refrescar o ambiente...

### **XXVII**

-Meus olhos extenuaram de Beleza!

### **XXVIII**

Inefável devaneio penumbroso-

Descem-me as pálpebras vislumbradamente...

.....

### **XXIX**

...Começam-me a lembrar anéis de jade

De certas mãos que um dia possuí-

E ei-los, de sortilégio, já enroscando o Ar...

Lembram-me beijos -e sobem  
Marchetações a carmim...

**XXX**

Divergem hélices lantejoulares...  
Abrem-se cristas, fendem-se gumes...  
Pequenos tímbrs de ouro se enclavinham...  
Alçam-se espiras, travam-se cruzetas...  
Quebram-se estrelas, soçobram plumas...

**XXXI**

Dorido, para roubar meus olhos à riqueza,  
Fincadamente os cerro...  
Embalde! Não há defesa:  
Zurzem-se planos a meus ouvidos, em catadupas,  
Durante a escuridão -  
Planos, intervalos, quebras, saltos, declives...

**XXXII**

- Ó mágica teatral da atmosfera,  
- Ó mágica contemporânea - pois só nós,  
Os de Hoje, te dobramos e fremimos!

.....

**XXXIII**

Eia! Eia!  
Singra o tropel das vibrações  
Como nunca a esgotar-se em ritmos iriados!  
Eu próprio sinto-me ir transmitindo pelo ar, aos novelos!  
Eia! Eia! Eia!...

**XXXIV**

(Como tudo é diferente  
Irrealizado a gás:  
De livres-pensadores, as mesas fluídicas,  
Diluídas,  
São já como eu católicas, e são como eu monárquicas!...)

.....  
.....

### **XXXV**

Sereno,  
Em minha face assenta-se um estrangeiro  
Que desdobra o Matin.  
Meus olhos, já tranquilos de espaço,  
Ei-los que, ao entrever de longe os caracteres,  
Começam a vibrar  
Toda a nova sensibilidade tipográfica.

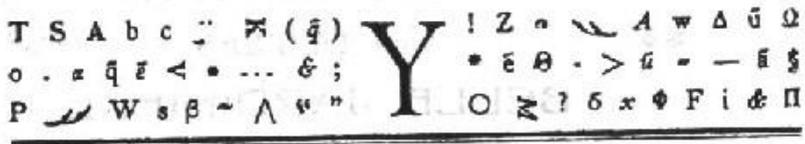
### **XXXVI**

Eh-lá! Grosso normando das manchettes em sensação!  
Itálico afilado das crônicas diárias!  
Corpo 12 romano, instalado, burguês e confortável!  
Góticos, cursivos, rondas, inglesas, capitais!  
Tipo miudinho dos pequenos anúncios!  
Meu elzevir de curvas pederastas!...  
E os ornamentos tipográficos, as vinhetas,

### **XXXVII**

As grossas tarjas negras,  
Os puzzles frívolos - e as aspas... os acentos...  
Eh-lá! Eh-lá! Eh-lá!

### XXXVIII



### XXXIX

- Abecedários antigos e modernos,  
Gregos, góticos,  
Eslavos, árabes, latinos -,  
Eia-hô! Eia-hô! Eia-hô!...

### XL

(Hip! Hip-lá! Nova simpatia onomatopaica,  
Recente da beleza alfabética pura:  
Uu-um... kess-kress... vliim... tlin... blong... flong... flak...  
Pâ-am-pam! Pam... pam... pum... pum... Hurrah!)

### XLI

Mas o estrangeiro vira a página,  
Lê os telegramas da Última-Hora,  
Tão leve como a folha do jornal,  
Num rodopio de letras,  
Todo o mundo repousa em suas mãos!

### XLII

-Hurrah! Por vós, indústria tipográfica!  
-Hurrah! Por vós, empresas jornalísticas!

### XLIII

Por último desdobra-se a folha dos anúncios...  
— Ó emotividade zebrante do Reclamo,  
Ó estética futurista — *up-to-date* das marcas comerciais,  
Das firmas e das tabuletas!...



E a esbelta singeleza das firmas, LIMITADA.

### XLIV

### XLV

Tudo isto, porém, tudo isto, de novo eu refiro ao Ar  
Pois toda esta Beleza ondeia lá também:  
Números e letras, firmas e cartazes -  
Altos-relevos, ornamentação!... -  
Palavras em liberdade, sons sem-fio,  
Marinetti + Picasso = Paris <Santa Rita Pin-  
Tor + Fernando Pessoa  
Álvaro de Campos

!!!!

**XLVI**

Antes de me erguer lembra-me ainda,  
A maravilha parisiense dos balcões de zinco,  
Nos bares... não sei porquê...

**XLVII**

*-Un vermouth-cassis... Un Pernod à l'eau...  
Un amer-citron... une grenadine...*

.....  
.....  
.....

**XLVIII**

Levanto-me...  
-Derrota!  
Ao fundo, em mayor excesso, há espelhos que refletem  
Tudo quanto oscila pelo Ar:  
Mais belo através deles,  
A mais sutil destaque...  
-Ó sonho desprendido, ó luar errado,  
Nunca em meus versos poderei cantar,  
Como ansiara, até ao espasmo e ao Oiro,  
Essa beleza pura!

**XLIX**

Rolo de mim por uma escada abaixo...  
Minhas mãos aperreio,  
Esqueço-me de todo da idéia de que as pintava...

E os dentes a ranger, os olhos desviados,  
Sem chapéu, como um possessor:  
Decido-me!  
Corro então para a rua aos pinotes e aos gritos:

*L*

-Hilá! Hilá! Hilá-hô! Eh! Eh!...

*LI*

Tum... tum... tum... tum tum tum tum...

VLIIMIIIM...

BRÁ-ÔH... BRÁ-ÔH... BRÁ-ÔH!...

FUTSCH! FUTSCH!...

ZING-TANG... ZING-TANG...

TANG... TANG... TANG...

**PRA Á K K!...**

*Lisboa – Maio de 1915*